

*em cada*  
**UNIVERSIDADE**  
*o nosso canto de*  
**RESISTÊNCIA**



**57º CONGRESSO DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES**

## CONHEÇA O LEVANTE



[www.levante.org.br](http://www.levante.org.br)



[levantepopulardajuventude](https://www.facebook.com/levantepopulardajuventude)



[levantedajuventude](https://www.instagram.com/levantedajuventude)



[levantepopular](https://twitter.com/levantepopular)



[levantepopulardajuventude](https://www.youtube.com/levantepopulardajuventude)

<b>Manifesto .....</b>	<b>4</b>
<b>Conjuntura.....</b>	<b>6</b>
<b>CRISE DO CAPITALISMO E LUTA</b>	
<b>ANTI IMPERIALISTA .....</b>	<b>6</b>
<b>A CRISE BRASILEIRA .....</b>	<b>6</b>
<b>QUAL O PAPEL DO MOVIMENTO</b>	
<b>ESTUDANTIL NA CONSTRUÇÃO</b>	
<b>DE UMA TÁTICA PAUTADA</b>	
<b>NA DEFESA ATIVA? .....</b>	<b>8</b>
<b>Educação .....</b>	<b>10</b>
<b>Cantando a resistência .....</b>	<b>14</b>
<b>Movimento Estudantil .....</b>	<b>16</b>
<b>Combate às opressões .....</b>	<b>17</b>
<b>Direito à cidade tem tudo</b>	
<b>a ver com Universidade .....</b>	<b>18</b>
<b>Contra a reforma da previdência .....</b>	<b>18</b>
<b>O que defendemos? .....</b>	<b>19</b>
<b>10 propostas .....</b>	<b>20</b>
<b>Outras propostas .....</b>	<b>22</b>



# LEVANTE E FRENTE BRASIL POPULAR

## MANIFESTO

Somos estudantes que cantam e resistem em universidades de todo o Brasil. O Levante Popular da Juventude é um movimento social de jovens atuantes em universidades, escolas, bairros, periferias e com a juventude do campo. Nascemos voltados para a luta popular e para contribuir a transformação da sociedade. Somos as e os jovens que constroem o Projeto Popular para o Brasil, ou seja, um projeto de país do qual nos empoderamos enquanto povo, nos colocando como sujeitos da nossa própria história.

Nascemos em 2006, no Rio Grande do Sul, com a proposta de organizar a juventude onde quer que ela esteja e, em fevereiro de 2012, realizamos o nosso I Acampamento Nacional no Rio Grande do Sul. Entendemos que o primeiro passo para construirmos um Projeto Popular para o Brasil é reconhecer que cada pessoa deve ser protagonista das transformações da sua própria realidade. Isso significa que nós, jovens, temos o papel de identificar e transformar o que tem de errado onde vivemos.

Em 2014 realizamos nossos II Acampamento Nacional, em São Paulo, com a participação de mais de 3000 jovens de 25 estados brasileiros e o DF. Consolidamos um movimento nacional de massas, comprometido com a democracia popular, hoje, após nosso III Acampamento Nacional, que em 2016 reuniu mais de 7000 jovens de todo o Brasil em Belo Horizonte (MG). Realizamos diversas lutas pelo país, além de seminários de formação e centenas de acampamentos estaduais e municipais.

Somos um movimento que se nacionalizou a partir da luta concreta, com os escrachos aos torturadores da ditadura militar, em diversos estados do país. Somos a juventude negra da periferia dos centros urbanos, que está sendo assassinada pela PM e que luta pela desmilitarização da polícia. Somos a juventude que luta contra as opressões impostas pelo patriarcado, que atinge todos



os dias, de forma mais violenta mulheres e LGBT's. Somos a juventude camponesa que luta por educação, pelo direito de permanecer no campo e construir um futuro digno com direito à vida e ao trabalho.

Somos os jovens que estiveram presentes de forma ativa nas manifestações de junho de 2013 e na luta contra o golpe de 2016. Ocupamos escolas, universidades, IPHANS e o Ministério da Cultura. Em 2017 entoamos o Fora Temer e lutamos contra o Projeto da Escola Sem Partido, a Reforma do Ensino Médio e as propostas de reformas impostas ao povo brasileiro pelo governo golpista de Temer — principalmente a Reforma Trabalhista— e a Reforma da Previdência.

Somos a juventude que devolveu os dólares roubados ao Cunha e que vai às ruas contra os retrocessos e o conservadorismo. Gritamos: "Ele Não! Ele Nunca! Ele Jamais!" Contra o projeto que mata, violenta, e encarcera o nosso povo. Gritamos Lula Livre e fortalecemos as fileiras da Marcha Nacional até Brasília em Agosto de 2018. Somos mulheres, LGBTs, negros e negras que estarão na linha de frente contra Bolsonaro!

Defendemos a democracia, a soberania nacional e os nossos direitos! Estamos em defesa da educação, das universidades e do Brasil! Somos muito mais que a nossa bandeira, somos nosso Projeto de transformação da sociedade.

Somos o Levante Popular da Juventude e estaremos onde a juventude e o povo brasileiro estiverem! E como faremos isso? Com muita resistência, arte, cultura, trabalho de base, organização estudantil, formação e luta. E com muita unidade, enraizando a Frente Brasil Popular em todas as escolas e universidades do Brasil!

E estamos no 57º Congresso da União Nacional dos Estudantes para convidar você a daqui para frente cantar conosco a resistência e nos ajudar a construir as novas linhas sobre a nossa história.

# CONJUNTURA

## ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL PARA DERROTAR BOLSONARO!

### CRISE DO CAPITALISMO E LUTA ANTI-IMPERIALISTA

Desde 2008 vivemos um período histórico marcado por uma grave crise do modo de produção capitalista. O aprofundamento da crise econômica contribuiu para o aumento das desigualdades sociais e para o crescimento da extrema direita em escala planetária. É neste cenário geopolítico que constatamos também a agressividade do imperialismo estadunidense, intensificando a exploração dos países dependentes, objetivando recompor as taxas de lucro do grande capital. A ofensiva imperialista também busca impedir a consolidação de novos polos de poder, particularmente a liderança mundial da China e da Rússia.

É fundamental, portanto, a defesa da autodeterminação dos povos e a luta pelo desenvolvimento das nações e de sua soberania. Trata-se de bandeiras anti-imperialistas que exigem um processo de integração de lutas das forças democráticas dos países dependentes. Assim, é necessário exercitar a solidariedade internacionalista à Venezuela, Cuba, Nicarágua e outros países que neste momento estão sendo desestabilizados pela ofensiva imperialista.

### A CRISE BRASILEIRA

Neste momento é importante que nós, estudantes brasileiros, aprofundemos nossa análise sobre a realidade para identificar corretamente quais são as tarefas da resistência democrática, assim como apresentar uma alternativa popular à crise brasileira.

No Brasil, a ofensiva neoliberal resultou no Golpe de Estado contra a democracia, que se expressou no impeachment — sem crime de responsabilidade — sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016. As forças neoliberais, aliadas ao imperialismo estadunidense, iniciaram uma nova onda de golpes pela América Latina, que no Brasil se desdobrou em um golpe de novo tipo, com o protagonismo de setores judiciais, militares, fundamentalistas e da mídia. Que tem como objetivos centrais recompor as taxas de lucros dos grandes capitalistas no atual cenário de crise internacional e realinhar o Brasil com os interesses dos EUA. Esta ofensiva busca, conseqüentemente, consolidar uma inserção subordinada na economia mundial e impor limites jurídico-políticos à luta pelo desenvolvimento nacional.

Mesmo com resistência popular, o governo Temer impôs reformas neoliberais, retirou direitos da classe trabalhadora, enfraqueceu as políticas de conteúdo local da indústria, acelerou privatizações e o desmonte das estatais, como a Petrobrás.

No atual contexto de desmonte da democracia, da soberania nacional e de retrocessos nos direitos dos trabalhadores, vivemos a eleição mais atípica da nossa geração. O processo eleitoral contou com a prisão e o impedimento da candidatura da mais importante e influente liderança popular: o Lula. A perseguição e prisão de Lula foi sem dúvida uma etapa central do golpe. Todo este processo expressa o esgotamento do sistema político e o papel atuante de setores do judiciário no golpe.

É neste contexto que emerge o governo Bolsonaro, de viés autoritário e com uma vanguarda que defende valores de caráter neofascista, como a exaltação da cultura bélica e o desprezo por educação, arte e cultura popular, bem como o racismo, o machismo e a lgbtFOBIA de formas escancaradas. O objetivo é aplicar um programa ultraliberal de retirada de direitos, privatizações e de

destruição dos mecanismos de desenvolvimento nacional. Esta ofensiva se expressa no enfraquecimento da democracia brasileira e avanço das medidas de exceção que se sobrepõem às garantias constitucionais. O pacto constitucional de 1988, portanto, está sob ataque das forças golpistas.

As mulheres tomaram as ruas e pintaram o Brasil de lilás, construindo as maiores ações de massas desde a redemocratização do Brasil. Entoamos o #EleNão, sendo mais uma vez protagonistas das lutas por direitos e democracia.

Nosso país tem sua história marcada de resistência! Nós, jovens, mulheres, LGBTQs, negros e negras, fomos os sujeitos políticos que protagonizamos lutas desde o processo de colonização e hoje seguimos sendo protagonistas em lutas como as ocupações de escolas e universidades, as marchas contra o golpe, e de tantas outras cruciais para a consolidação da democracia em nosso país.

Alguns dos Frutos das nossas lutas no movimento estudantil foram a conquista dos 10% do PIB para a educação, a aprovação das cotas, a portaria para a utilização do nome social por pessoas transexuais em universidades e em outras instâncias da educação, assim como todos os avanços na permanência estudantil que permitiram colorir a universidade, com muita luta dos filhos e filhas da classe trabalhadora.

Sabemos que nossas conquistas, nossos direitos e vidas estão ameaçadas no governo Bolsonaro. Mas, seguiremos sendo resistência nas ruas, nas escolas, universidades e bairros. Sabemos que nossa organização dentro e fora do movimento estudantil é decisiva para o combate às estruturas sociais patriarcais, heteronormativas e racistas. Os desafios do Brasil são os desafios de seu povo, que tem gênero, cor e orientação sexual. Vamos cantar a nossa resistência e construir um Brasil antirracista, anti-lgbtfóbico, feminista e popular!



Dado o conjunto de derrotas que sofremos desde 2015 (como o ajuste fiscal do governo Dilma e seu impeachment, emenda 95, reforma trabalhista, prisão de Lula e derrota eleitoral de Fernando Haddad) combinado com uma derrota ideológica, a perda crescente de bases sociais da classe trabalhadoras e dos setores médios, podemos dizer que este quadro configura-se como uma derrota estratégica. Este conjunto de derrotas é também a expressão da derrota da estratégia hegemônica na esquerda brasileira liderada pelo PT.

Trata-se da estratégia que buscou mudar a vida do povo brasileiro centralmente pelas políticas públicas ao invés de reformas estruturais, pela centralidade da via institucional e secundarização da organização popular. Faltou uma estratégia de poder.

Adentramos, desta forma, num período de defensiva. A tática mais adequada para esta situação é a paciente construção de uma defesa ativa.

## QUAL O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA CONSTRUÇÃO DE UMA TÁTICA PAUTADA NA DEFESA ATIVA?



Trata-se inicialmente de **não perder a capacidade de iniciativa** num momento de resistência democrática. Pautar iniciativas políticas, organizativas e ideológicas é o caminho para um longo processo de acumulação de forças que nos permita sair da situação de defensiva. Devemos evitar a defesa meramente passiva que tende nos levar ao imobilismo, favorecendo a ação dos inimigos do povo sobre as forças populares.

O movimento estudantil tem grande potencial de ser a força propulsora inicial que poderá ampliar a resistência democrática e atrair setores da classe trabalhadora para a oposição e mobilização contra a retirada de direitos.

Exemplos da centralidade de manter a capacidade de iniciativa como elemento fundamental da defesa ativa, neste momento, são as mobilizações em defesa da educação que estão ocorrendo atualmente.

Ao mesmo tempo, iniciativas político-organizativas como a luta contra a reforma da previdência, a campanha Lula Livre, a defesa das estatais, de nossas riquezas e da soberania nacional são fundamentais para coesionar o campo democrático e popular. Este conjunto de iniciativas requer unidade. Acreditamos que a Frente Brasil popular é o espaço com maior potencial para construir a urgente unidade das forças populares e retomar o debate e construção de um Projeto de Nação.

O governo Bolsonaro é expressão de um movimento que ocorre em escala mundial de regressão da democracia como regime político, onde o neoliberalismo, para se implementar enquanto projeto, precisa restringir as margens democráticas. Essa batalha não será de curto prazo, nem será simples, por essa razão a melhor forma de enfrentá-la é organizando-se em coletivos e atuando com muita unidade.

Como tarefas concretas para fortalecer a unidade dentro do movimento estudantil estão: fortalecer a Frente Brasil Popular e estimular ações conjuntas com outros setores organizados, a exemplo da Frente Povo Sem Medo e construir ampla unidade em torno das bandeiras democráticas, pois a luta pela democracia é central e a faremos junto a todos os setores que por ela se mobilizarem.

Outro elemento fundamental para uma defesa ativa é **manter a liberdade de ação**. Isto significa não permitir o fechamento do regime e levantar a defesa da democracia e das liberdades democráticas. Denunciar a criminalização da luta popular, defender o direito de organização, manifestação, liberdade de imprensa, presunção da inocência, liberdades civis e demais garantias constitucionais. Em última instância, trata-se de lutar para combatermos num terreno mais favorável para a luta popular, no terreno da democracia e não numa situação de forte restrição das liberdades democráticas, ou mesmo, de fechamento do regime democrático.

Por fim, o êxito desta defesa ativa depende de unidade, pactuação progressiva e generosidade para conseguirmos constituir uma frente ampla, democrática, patriótica que seja hegemonizada pelo campo democrático e popular. Esta construção não substitui a Frente Brasil Popular, ambas se complementam. Tende a se expressar muito mais em iniciativas conjuntas do que propriamente como um organismo político com instâncias. A tarefa fundamental e de longo prazo, mas que devemos começar desde já, é fazer a disputa ideológica com o povo e reconstruir a referência na esquerda, adentrando nas escolas, universidades e nos bairros periféricos do nosso país

O movimento estudantil precisa olhar para as experiências históricas do Brasil, nas quais foi vanguarda desde a fundação da UNE nas lutas em defesa da Soberania, Democracia e Direitos. Precisamos nos recordar ainda dos processos de nossos irmãos da América Latina, ressaltamos a experiência da Frente Sandinista de Libertação Nacional, que durante a década de 60, na Nicarágua, contribuiu para o processo revolucionário, a partir do lema: 'Dos estudantes aos bairros!', restabelecendo o vínculo da esquerda com a população, e construindo no seio do povo, com ações de solidariedade, o projeto de um país que deu origem a uma revolução.

Como demonstra nossa história, no Brasil e na América Latina, somos um povo forte que historicamente resistiu em nome da independência, da liberdade, da democracia e dos direitos! Vivenciaremos mais um capítulo de luta e resistência pela retomada dos rumos do país pelas mãos do nosso povo. Sigamos firmes, com esperança, dedicação e amor para construirmos o Brasil que tanto sonhamos!



# EDUCAÇÃO

## POR QUE BOLSONARO TEM TANTO MEDO DE PAULO FREIRE?



*"Estamos convencidos de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica. Ela é revolução por isto. Disngue-se do golpe militar por isto. Dos golpes, seria uma ingenuidade esperar que estabelecessem diálogo com as massas oprimidas. Deles, o que se pode esperar é o engodo para legimar-se ou a força que reprime. [...] A nossa convicção é a de que, quanto mais cedo comece o diálogo, mais revolução será" (Paulo Freire).*

Sem querer cair na velha dicotomia do "bem x mal", mas a resposta que sintetiza o ódio que Bolsonaro sente de Paulo Freire não é outra senão a questão da humanidade: em Freire existe humanidade no ato de educar. Em Bolsonaro, este atributo é inexistente. Decorre desta questão, também, o fato de que em Freire, educar é libertar para transformar, em Bolsonaro, educar é doutrinar para matar.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife-Pernambuco-Nordeste-Brasil. Assim como o Brasil de hoje, o Brasil de sua época era dominado por uma pequena elite racista, patrimonialista e patriarcal subserviente aos interesses do capital internacional, em especial dos Estados Unidos. Enfim, uma elite atrasada e deformada que não possuía um projeto de nação.

Freire aprendeu a ler e escrever com sua mãe, e desde menino, no chão do quintal de sua casa, pensava o mundo a sua volta e escrevia nele as palavras existentes em sua vida. Em seus tempos de estudante de Direito da Faculdade do Recife e nos seus primeiros passos na carreira de professor da mesma escola em que estudou, Paulo Freire viu surgir e foi também participante de um novo período na história do nosso país.

Uma burguesia nacional começava a se consolidar em detrimento dos latifundiários agroexportadores e escravocratas. O manifesto dos pioneiros da educação nova de 1932 apontava as bandeiras da educação pública, laica, obrigatória e gratuita. A ascensão de governos democrático-populares no pós-Segunda Guerra foi resultado de um intenso processo de organização popular do qual a UNE foi uma das grandes entusiastas. Campanhas como "O Petróleo é Nosso" e o plano das reformas de base (reformas agrária, educacional, tributária e outras) proposto por Jango faziam parte do início da construção de um projeto de nação e de universidade aberta ao povo.

No plano da Cultura e da Educação, a UNE lutava por uma reforma universitária que eliminasse a elitização do ensino superior e ampliasse o acesso ao povo. Para tanto, agitava essas bandeiras em um diálogo direto e criativo com o povo através Centros Populares de Cultura – CPC.

No Recife, Freire participou do Movimento de Cultura Popular e lançou as bases daquilo que se conhece como método Paulo Freire de alfabetização: a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Neste método, não basta aprender a ler e escrever apenas a partir de uma educação que ensina o bê-á-bá; é necessário sobretudo conhecer e transformar a realidade ao redor. Desta forma, em apenas 40 horas, um grupo liderado por Paulo Freire conseguiu alfabetizar cerca de 300 trabalhadores na cidade de Angicos-RN, em 1963.

Toda essa efervescência social foi desmantelada com o golpe de 1964. O golpe reposicionou as elites do atraso no poder. Dentre os primeiros perseguidos estavam a UNE, que teve seu prédio incendiado poucos dias após o 1º de abril, e o próprio Paulo Freire, cujo projeto de alfabetização para transformação foi destruído, tendo que deixar o Brasil, retornando apenas em 1979. Fora do país, Freire desenvolveu experiências de educação popular na América Latina e na África, participando ativamente nos movimentos de luta por independência.

Nossa geração não estava viva neste tempo, mas as lutas que ali se travaram foram fundamentais para destruir as ditaduras militares nos anos 1980 e fazer surgir governos democráticos populares na América Latina a partir de 1998. No Brasil, retomamos o debate sobre projeto de nação e conseqüentemente projeto de universidade a partir dos governos Lula e Dilma (2003-2016).

A caracterização dos governos do PT é um tanto parecida com aquilo que Freire viu no Brasil nos anos 1960: uma aliança entre setores da burguesia nacional e a classe trabalhadora. A partir de 2003, ainda que para a burguesia nacional tenha entrado muito dinheiro sobretudo através de obras de infraestrutura e isenções fiscais, é certo que para os trabalhadores muitos avanços históricos foram possíveis.

Freire não estava mais vivo para ver este importante e recente período da história do Brasil. Ele faleceu em São Paulo no dia 02 de maio de 1997, vítima de ataque cardíaco. Entretanto, os ideais de ampliação e popularização do acesso à educação, que



o educador defendia, começaram a se projetar, mesmo que minimamente. Tratando-se de universidade, programas como o REUNI, FIES, PROUNI, SISU, Plano Nacional de Assistência Estudantil e valorização dos profissionais da educação fizeram com que 15% dos jovens entrassem na universidade, algo muito diferente dos 1% do seu tempo.

É certo que os problemas estruturais não foram resolvidos nos 13 anos de experiência progressista no governo. A universidade segue sendo disputada fortemente por concepções elitistas, por um currículo voltado para os interesses do mercado e por carências orçamentárias. Mas, a elite tremeu ao ver tanto preto, pobre, LGBT, deficiente físico, quilombola e indígena entrar nas universidades públicas e privadas de todos os rincões deste país!

Assim como Freire e a UNE sofreram com o golpe de 1964, a UNE de nosso tempo igualmente sofreu com o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma. Novamente os projetos de nação e de universidade começam a ser desmantelados pela elite do atraso. A consolidação do golpe a partir da Emenda 95/2016 (teto dos gastos), da perseguição e criminalização das organizações de esquerda, da prisão de Lula e sua inabilitação para as eleições 2018 e a vitória de Bolsonaro nas urnas significa o início de um novo período de total desprezo com o povo e com a educação pública, consequentemente.

Se vivo estivesse, Freire estaria próximo de seus 98 anos. Veria seu nome vinculado a alguma fake news ou mesmo recebendo ameaças e xingamentos por onde passasse. E veria incrédulo o avançar de um “projeto” educacional baseado no ultra liberalismo: a ideia de que o Estado não deve participar dos investimentos sociais, de que o Estado deva existir apenas para garantir que os lucros do capital internacional sejam mantidos e ampliados, nem que pra isso seja necessário o uso da força.

Assim, qualquer ministro que Bolsonaro e sua trupe indiquem para a Educação servirá a esse ideal, efetivando ações como o “Escola sem partido”, a reforma do ensino médio, a base nacional comum curricular, o ensino domiciliar, a militarização das escolas, a perseguição política às reitorias progressistas, o fim das bolsas de pesquisa, a cobrança de mensalidades nas universidades públicas, a diminuição de bolsas do Prouni nas universidades privadas, ações alicerçadas em uma concepção acrítica de universidade a partir do desprezo pela ciência e da influência de modismos anti-intelectuais como o pensamento do agitador leigo, Olavo de Carvalho.

Mas, afinal de contas, se estamos dizendo que essas ideias absurdas estão de certa forma sendo implementadas ou minimamente ganhando alguma adesão em setores populares, porque dizemos que Bolsonaro tem medo de Paulo Freire? Por que a saída é a organização coletiva e o trabalho de base! E a educação popular pensada por Freire é um dos pilares para que isso aconteça. Para Freire, a educação é um ato político. Para Bolsonaro, segundo palavras do próprio, “nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política”. E é aí que reside o perigo que a educação popular representa para o ultraconservadorismo.

No método da educação popular, aprendemos que devemos fazer perguntas geradoras para entender melhor a realidade. Assim, deixamos as seguintes perguntas para que vocês respondam: a quem serve a elitização do ensino superior? Armar os professores em sala de aula vai acabar com a violência nas escolas e universidades? Porque a grande maioria dos analfabetos do Brasil são pessoas pretas, pobres e moradoras de periferias e do campo? Porque o governo usa dinheiro para pagar dívidas dos banqueiros, mas não o utiliza para a Educação?

Seria útil ao governo Bolsonaro que todos os livros de Paulo Freire fossem queimados em praça pública. Porém, Freire e a educação popular são ideias presentes na disputa das ideias e que precisam ser cada vez mais resgatadas e colocadas em prática pelo movimento estudantil. Por isso é que

algumas das tarefas que se colocam para nós nada mais são do que a defesa das escolas e universidades públicas e do direito dos estudantes também acessarem o ensino superior nas universidades privadas por meio de bolsas e financiamento de baixo custo; a defesa da autonomia universitária, da liberdade de ensino e da valorização dos profissionais da educação; e a erradicação do analfabetismo com base na educação popular.

O diferencial para que essas tarefas se concretizem é a necessidade, acima de tudo, de envolvermos o povo brasileiro nisso! Assim como fizemos com a UNE na década de 1960 e nos movimentos de cultura popular, precisamos dialogar com o povo e construir em conjunto o entendimento de que o fim das universidades representa também a continuidade do nosso estado de miséria e exploração, de que menos investimentos para a educação significa mais desemprego, segregação social e violência, de que o bolsonarismo é um projeto de morte para o povo brasileiro e nós só podemos combatê-lo com um projeto de vida ainda mais enraizado.

A palavra de ordem “Dos estudantes aos bairros” ecoada na revolução sandinista da Nicarágua nunca fez tanto sentido como agora! E, assim como na Guerra de Independência do Moçambique, é preciso “fazer das escolas e universidades uma base para o povo tomar o poder”! As saídas não são imediatas e é por isso que nossas tarefas devem iniciar já. Devemos combater o obscurantismo e o autoritarismo neofascista com a humanidade tanto defendida por Paulo Freire a partir da retomada do trabalho de base, da organização popular e da defesa de nossa soberania nacional.

Paulo Freire presente, presente e presente! Sempre, sempre e sempre!

## VOCÊ SABIA?

No período de transição do governo Temer para Bolsonaro foi aprovada uma regulamentação que destrói a autonomia das universidades federais? Com a **norma técnica 400**, de dezembro de 2017, a partir de agora o governo poderá intervir nas eleições para a reitoria das universidades que não observarem o critério da proporcionalidade do peso das votações (70% docentes, 15% estudantes e 15% técnicos), com a possibilidade inclusive de nomear interventor.



# CANTANDO A RESISTÊNCIA

A CULTURA COMO FERRAMENTA NECESSÁRIA  
PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL



A União Nacional dos Estudantes (UNE) vem conformando nesses últimos anos um grande cordão em defesa da liberdade, da cultura e da democracia em nosso país. Liberdade essa que nossos inimigos tentam amordaçar das diversas formas, a exemplo dos espetáculos teatrais censurados por questionarem padrões de gênero e sexualidade, ou mesmo professores que nas salas de aula têm agora sua autonomia vigiada. Isso para garantir a preservação dos “bons costumes”, negar a história e subvertê-la. Mas, “da história que a história não conta”, assim como cantou o samba enredo da Mangueira durante o carnaval, cantamos do lado de cá, nós estudantes de todo Brasil, a resistência que fazemos hoje em cada universidade.

Falar em resistência nas universidades é, ao mesmo tempo, refletir sobre como os estudantes produzem simbolicamente e culturalmente sua luta. A cultura sempre esteve presente na história do movimento estudantil, como sabemos, uma das manobras mais traumáticas implementadas pelo golpe Militar de 1964 no Brasil que foi a dissociação das esferas da cultura, da política e da educação, realizada por meio da derrubada dos movimentos que articulam essa síntese, como os Centros Populares de Cultura (CPCs) da UNE e outras experiências que ganhavam força no território Nacional. Era o fazer artístico dando forma às narrativas históricas da política através do Cinema, do Teatro, da Música e de outras linguagens.

Quando pela primeira vez a UNE colocou o pé na estrada, em 1962, com a tarefa de multiplicar o movimento estudantil pelo Brasil, a “UNE Volante” também rodava com a tarefa de construção



*Não aceitamos mais  
As diferentes faces da mesma dor  
A morte da sensibilidade  
A concentração de direitos  
O não tempo para o amor  
A prisão da liberdade!  
- Diva Lopes*

dos CPCs em cada universidade. Isso foi fundamental para que as linguagens artísticas também se enraizasse entre as e os estudantes. Tínhamos, portanto, o enorme desafio de expandir a arte e cultura para o cotidiano do movimento estudantil e decidimos fazê-la através da UNE Volante. Em 2018 voltamos a rodar o Brasil com a entidade, defendendo a universidade pública e a cultura enquanto instrumento de transformação social e de defesa da soberania nacional.

Foi assim que, sob os olhares atentos do ex-CPC João das Neves, elaboramos o que viria a ser a peça que ficou conhecida como "Parecer da Democracia". Montamos o espetáculo em cada canto do país e trouxemos para a cena a diversidade cultural das regiões, presente na sua musicalidade, no figurino e nos atores e não atores que deram vida ao texto. A encenação da peça parte também da iniciativa de fazer com que a arte não seja considerada apenas um elemento a parte da luta, mas sim uma de suas próprias dimensões integrantes, bebendo das importantes experiências de agitação e propaganda construídas pela esquerda no mundo.

É com isso em mente que apontamos o desafio de construir e fortalecer os espaços de produção cultural da UNE, como o Circuito de Arte e Cultura (CUCA) e também a Bial da UNE, que hoje se configura como um espaço importante de socialização da produção artística dos/das estudantes brasileiros(as). É também desafio do movimento estudantil colocar a Luta pela Cultura como uma trincheira imprescindível na disputa por uma universidade que comporte não só a diversidade do povo brasileiro, mas que aponte também para a construção de um projeto popular para o Brasil

# MOVIMENTO ESTUDANTIL



## ESTUDANTES EM UNIDADE: DEFENDENDO A UNIVERSIDADE, A EDUCAÇÃO E O BRASIL!

*"Ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma luta, ou se dissociam do seu povo, e nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo". (Florestan Fernandes)*

Ao se identificar com o destino de seu povo, os estudantes colocam-se em movimento de maneira consciente e organizada para cumprir um papel fundamental, se posicionar sempre ao lado da defesa incansável da educação e dos direitos do povo. É responsabilidade de o movimento estudantil lutar para que a universidade cumpra com seu papel social, que é de desenvolver um olhar crítico à sociedade e ser um espaço de debate e de construção coletiva. Faz parte de a universidade ser também um espaço de produção de conhecimento que tenha como objetivo melhorar a vida das pessoas, além de ser um ambiente fértil para a produção cultural e para estimular a socialização. Mas, além disso, os estudantes têm o dever de defender e lutar por um projeto de transformação social, com democracia, soberania e direitos.

Os estudantes têm como uma marca determinante uma constante participação na luta, e a UNE foi por muitas vezes protagonista desse processo, desde sua histórica atuação no combate à ditadura militar, passando pelo movimento das "Diretas Já" até a luta contra o golpe sofrido em 2016. Nesse sentido, é visível que os estudantes assumem e sempre assumiram uma responsabilidade com o presente e o futuro de nosso país, se posicionando e atuando ativamente nos momentos históricos mais drásticos da conjuntura. Na situação que vivemos não é diferente.

Ao final do primeiro turno das eleições de 2018 foram marcantes as mobilizações imediatas nas universidades, demonstrando um potencial e vontade de se movimentar que é intrínseca aos estudantes. De um dia para o outro, diversas assembleias foram convocadas, com muitas pessoas se organizando para dizer #EleNão! Esta foi mais uma demonstração de que a história de lutas do Movimento Estudantil não parou no tempo, ela está sendo construída cotidianamente nas salas de aula, nos Centros Acadêmicos, Diretórios Centrais de Estudantes e nas mais diversas formas de organização estudantil. Essa movimentação não parou dentro das faculdades e universidades, a partir disso foram organizados comitês que se colocaram nas ruas para conversar com todas as pessoas sobre o projeto que representava cada um dos candidatos.

A União Nacional dos Estudantes, que é a entidade máxima de representação estudantil, cumpre um papel fundamental na mobilização dos estudantes e na luta em defesa dos direitos do

povo. É a entidade que deve incentivar a ocupação das ruas como espaço de disputa das ideias, seja a partir de atos, mobilizações, mas também com a ocupação cultural, que tem grande potencial de diálogo. Deve ser impulsionadora de lutas gerais, mas também deve estar presente no cotidiano das universidades, em diálogo constante com os estudantes, incentivando a criação de CAs, DAs, DCEs, e travando as lutas específicas.

O Levante Popular da Juventude construiu para dentro da UNE uma trajetória que coloca como centro, o enraizamento da entidade, e construiu algumas propostas nesse sentido, como a UNE Volante e o Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB). Na UNE Volante rodamos diversos estados e universidades, levando a diretoria da UNE para fazer debates sobre o papel da universidade, atividades culturais e reuniões com as entidades locais. No CONEB em fevereiro de 2019 conseguimos reunir em Salvador em torno de cinco mil estudantes, para debater sobre a Conjuntura, Educação e os rumos do Movimento Estudantil, em conjunto com a Bial, que tem um papel fundamental em transformar a cultura, a arte em formas de fazer o debate político.

Nos propomos a beber das experiências de luta do Movimento Estudantil internacional. Das lutas pela reforma universitária de Córdoba-Argentina, em 1918, à experiência revolucionária dos estudantes na Nicarágua na década de 1970 e as intensas lutas do ME chileno em 2006 (Revolta dos Pinguins) e 2011, temos muito a aprender e aplicar na atual conjuntura de enfrentamento a um governo autoritário. Reivindicamos este leito histórico e a memória de todas/os companheiras/os que perderam suas vidas em defesa da Educação.

“Bolsonaro, inimigo da Educação” foi o mote de grandes mobilizações no mês de maio. O povo brasileiro que não votou nele sabe o perigo que este projeto representa, e os que se arrependem precisam ser conquistados por nós. Portanto, apontaremos neste Congresso da UNE o desafio de enraizar cada vez mais nosso trabalho, de dialogar cada vez mais com o povo e avançar mais ainda o que a UNE tem feito nos últimos períodos: a defesa da Educação, da Universidade da Soberania Nacional nas ruas! As/os estudantes estão na luta e vão construir em cada UNIVERSIDADE o nosso canto de RESISTÊNCIA.

## COMBATE ÀS OPRESSÕES

Vivemos em uma sociedade em que as estruturas do patriarcado, racismo e heterossexismo estão presentes em todos os espaços e relações, fazendo com que mulheres, LGBT's, negros e negras carreguem diariamente o peso da opressão sobre seus corpos. O atual governo e suas milícias ideológicas estão em uma verdadeira guerra de extermínio contra o povo preto, contra a existência dos LGBTs e contra a vida das mulheres.

A universidade deve ser o espaço de formação de pensamento crítico, de práticas éticas e de formulações de soluções para problemas sociais, culturais e econômicos. Por isso o movimento estudantil tem um papel muito importante no combate às diversas formas de opressões, não só dentro como fora dos muros da universidade.

Isso pode ser construído a partir da criação de fóruns e espaços que fomentem essas discussões nas universidades, escolas e associações de bairro, com campanhas de combate à violência, lutas pelo fortalecimento de políticas de saúde e prevenção, promoção de assistência jurídica e social e ampliação dos espaços de poder para estas pessoas.

Não podemos permitir que mais jovens deixem a universidade por causa da opressão pela sua cor, seu gênero e sua orientação sexual, muito menos por causa do ódio de alguns grupos ultraconservadores!

# DIREITO À CIDADE TEM TUDO A VER COM UNIVERSIDADE

*"Calamidade toma conta da cidade, tem buzu pegando fogo, o jogo da atrocidade. Coco louco, bicho solto, pouco a pouco, o troco sempre vem na conta gota"*  
(Baiana System, Dia da Caça)

Os anos pós-golpe e a ofensiva conservadora aumentaram a desigualdade social e urbana. O que as cidades têm de melhor é colocado à disposição das classes dominantes para que usem das infraestruturas, oportunidades e façam negócios que representam apenas 1% da população. Para os outros 99% sobram os serviços precarizados, a vida perdida no trânsito, a violência da polícia, a invisibilização dos problemas reais.

As cidades não podem mais ser um camarote VIP para o 1%. Neste sentido, pautamos que a Universidade cumpra sua função social e se relacione melhor com a comunidade ao seu redor, até para a sua defesa. Os projetos de pesquisa e extensão devem ser cada vez mais voltados para melhorar a vida da população das periferias. Os planos diretores urbanos devem incluir as universidades como espaço de inserção do povo e não como vetores e especulação imobiliária. E que as universidades se somem aos movimentos populares pelo fim do déficit habitacional, por saúde e saneamento básico e por uma melhor mobilidade no trânsito, que inclui passe livre estudantil.

## CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

A reforma da previdência que está sendo pautada pelo governo é mais um projeto que faz parte de um pacote que quer acabar com o papel social do estado, precarizando cada vez mais a vida do povo em prol da manutenção dos privilégios de poucos! É a exploração do trabalho até a morte! Para a juventude, a reforma acaba com qualquer perspectiva de futuro, pois, já está muito difícil conseguir qualquer emprego, ainda mais no setor formal.

É fundamental que a defesa do modelo atual de seguridade social, que inclui não só a previdência, como a assistência social e o SUS seja abraçado por todos os setores. As contradições geradas pela "deforma" da previdência abre a possibilidade de construir grandes mobilizações em torno do tema. Conseguimos em 2017 barrar a reforma do Temer, e estaremos fomentando muita luta! Seguiremos nas ruas para barrar essa reforma de Bolsonaro!



# o que defendemos?

- Universidade pública, gratuita e de qualidade para produzir ciência a serviço do desenvolvimento regional e nacional;
- Meia estudantil irrestrita para todos os estudantes e toda a juventude nos transportes coletivos e eventos esportivos e culturais e a luta pelo passe livre estudantil;
- Pelo fim das cobranças das taxas abusivas nas instituições de ensino superior privadas e sua regulamentação para impedir a mercantilização e desnacionalização de suas ações;
- Pelo fim da obrigatoriedade das disciplinas online em cursos presenciais;
- Pela manutenção dos programas ProUni e FIES, pela ampliação do período de carência para o pagamento do financiamento e contra o abuso das taxas de juros;
- Defender investimentos na pesquisa, garantindo as verbas para manutenção das bolsas do CNPQ;
- Defender a autonomia universitária, a liberdade de cátedra e a valorização dos profissionais da educação;
- Implementar políticas de cuidado com a saúde mental dos estudantes, que perpassam desde a discussão dos currículos até programas de assistência;
- Defender a democracia nas universidades: paridade em todos os conselhos;
- Ampliação do Plano Nacional de Assistência Estudantil;
- Manutenção das políticas de ações afirmativas e do PRONERA;
- Infraestrutura adequada para atender com qualidade os estudantes com deficiência;
- Fim dos trotes machistas, racistas e lgbtfóbicos nas universidades;
- Ouvidorias para denúncias em casos de violência, com atendimento psicológico e jurídico para as vítimas;
- Uma política de segurança que seja centrada na relação com a comunidade e na proteção das pessoas, contra a militarização dos campi universitários;
- Implementação do nome social.



**57° CONUNE**

**2019**

**10 PROPOSTAS**

**1 REFORMA UNIVERSITÁRIA**

É fundamental construir espaços para que os estudantes reflitam, debatam e construam um projeto de universidade que os pertença

**2 AMPLIAR A “NOSSA VOZ!”**

Criar ferramentas que contribuam para a divulgação de atividades do movimento estudantil construídas pelo Brasil e ampliação das ferramentas que já existem.

**3 DEFESA DOS CURSOS DO PRONERA E ARTICULAÇÃO DE SEUS ESTUDANTES**

a inserção dos estudantes, jovens camponesas, vindos das áreas de reforma agrária, contribui para a diversidade necessária nas universidades e sua vinculação com o campo brasileiro. Assim como a articulação entre esses estudantes na construção de suas pautas é fundamental para o fortalecimento das lutas

**4 DOS ESTUDANTES AOS BAIROS**

Como forma de construir vínculos dos estudantes nos bairros onde moram, as ações de solidariedade podem ser ferramentas de construção de relação com as cidades em que ficam as universidades, mutirões de limpeza, pontos de saúde, cursinhos populares e pontos de assessorias jurídicas e iniciativas culturais

**5 CAMPANHAS DE CONSTRUÇÃO E FORTALECIMENTO DE ENTIDADES LOCAIS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL, COMO CENTROS ACADÊMICOS, DIRETÓRIOS ACADÊMICOS**

Uma boa estrutura de base do movimento estudantil é o que garante o enraizamento das lutas, e também o fortalecimento do seu vínculo com a UNE, como com a manutenção do CONEB de forma bianual



## **6 FORTALECIMENTO E ENVOLVIMENTO DE GRUPOS DE EXTENSÃO, ATLÉTICAS, EMPRESAS JUNIORES E OUTROS NAS LUTAS DO ME**

É preciso interagir com as mais diversas formas de organização dos estudantes para além das entidades de base, pois os projetos que desenvolvem são fortemente prejudicados pelos cortes na educação

## **7 POPULARIZAÇÃO DO CUCA E DA BIENAL DA UNE**

A cultura tem um papel fundamental na construção do debate político, e é importante que o CUCA reivindique o legado do CPC, e se coloque à disposição dos desafios atuais. Que seja diverso e acessível. E que a Bienal da UNE reflita a produção cotidiana da cultura que os estudantes produzem

## **8 UM EME, UM ENUNE E UM ENCONTRO LGBT A ALTURA DOS NOSSOS DESAFIOS, QUE CONTRIBUA NO FORTALECIMENTO DOS COLETIVOS LOCAIS**

O EME (Encontro de Mulheres Estudantes da UNE), ENUNE (Encontro de Estudantes Negros e Negras da UNE) e Encontro de Estudantes LGBT devem ser momentos de travar lutas por essas pautas, e debater a política do movimento estudantil para esses setores e, além disso, devem estimular a criação e fortalecer os coletivos locais que travam esses debates no cotidiano das Universidades

## **9 INTERNACIONALIZAR A LUTA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UM PROGRAMA LATINO-AMERICANO DE LUTAS EM DEFESA DA EDUCAÇÃO**

Sabemos que a ofensiva é internacional, portanto é fundamental organizarmos essa luta em nível de continente, a partir de uma participação mais ativa e democrática na OCLAE, que é a Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes

## **10 VINCULAR A LUTA COTIDIANA DA UNE COM A FRENTE BRASIL POPULAR**

É fundamental que a UNE mobilize os estudantes cada vez mais, cumprindo seu papel histórico nas lutas brasileiras. E que construa lado a lado as lutas com toda Frente Brasil Popular e outras frentes. O Movimento estudantil nunca saiu das ruas e a nossa geração honrará esse legado!

# PODEMOS

REDE DE CURSINHOS POPULARES



Lutar pela educação! Lutar com a educação popular! A Rede de Cursinhos Populares Podemos+ surge em 2017 com o objetivo de fortalecer a luta pela democratização da educação no Brasil. Num contexto de ataques à educação pública, a construção de cursinhos populares é um ato de resistência. Afirmam a necessidade da luta coletiva e a construção de novas relações de ensino-aprendizagem, nas quais, educando/as e educadoras/es são sujeitos ativos e críticos da construção do conhecimento. É ler o mundo para transformá-lo! A Rede Podemos+ reúne 46 cursinhos e mais de 600 jovens educadoras/es e 1400 educandas/os. Procure a rede em sua cidade e venha somar conosco!

## SAÚDE MENTAL

O tema da saúde mental é fundamental para uma vida acadêmica equilibrada. A realidade das universidades mudou nos últimos anos e não se pode mais pensar um modelo de Universidade onde o estudante só estuda, pois o universitário de hoje estuda, trabalha e vivencia outras questões que interferem em sua saúde mental. É comum ouvir nos corredores histórias de matérias e professores que exigem que alunos leiam um livro por semana ou que tem séries de “avaliações surpresa”, da mesma forma que é histórica a insuficiência das verbas da assistência estudantil e os atrasos nas bolsas que garantem a permanência da juventude mais pobre.

Essa questão está relacionada ao nosso modelo de sociedade, em que o mercado pauta a produção acadêmica e os currículos. Além disso, entraram na universidade setores que sempre foram excluídos pelo sistema patriarcal, racista e promotor de desigualdades sociais. Essas contradições não foram resolvidas nas universidades, pelo contrário, estão sendo cada vez mais reforçadas pelo ultraconservadorismo crescente, tornando esse público cada vez mais perseguido e vitimizado pelos ataques de ódio.

É fundamental que existam centros de atendimento e acolhimento psicológico nos campi e nos hospitais universitários para lidar com as cada vez mais comuns crises de ansiedade, de pânico e de estresse vivenciadas na Universidade. Além do mais, é preciso construir um modelo de Universidade que foque suas atenções nas pessoas/sociedade e não nos interesses do mercado.

# LEVANTE NA UNE





*em cada*  
**UNIVERSIDADE**  
*a nosso canto de*  
**RESISTÊNCIA**

**LEVANTE**  
POPULAR DE  
JOVENTUDE

